

ARTIGO



CASA DO PENEDO: UM OLHAR PARA AS PALAVRAS

POR MARIA STELA TORRES BARROS LAMEIRAS *

É com essa sensação que eu venho dividir este momento com todos vocês, pois é esse despertar que nos faz estar aqui reunidos neste momento, participando da Reabertura ao público da Biblioteca da Casa do Penedo. Estar em um espaço que abriga a história, a memória e a cultura é algo muito significativo. E a reabertura deste espaço que favorece a leitura e que promove a preservação para as gerações futuras do patrimônio cultural da história e da memória de um povo é o grande legado das Bibliotecas, e hoje, especialmente, da Biblioteca da Casa do Penedo.

Pediria licença a todos vocês para um breve deleite, e que não consigo deixar de expressar, que é uma emoção inevitável de quem pisa o solo onde viveu por muitos anos, e de onde guarda as melhores recordações. Digo isso, ao evocar uma lembrança pessoal que me deixa imensamente feliz por estar aqui neste momento, juntamente com todos vocês, abrindo as portas desta Casa que abriga as páginas de tantos livros. Livros que nos permitirão, a nós, e a tantas outras pessoas, percorrer espaços e tempos que se entrelaçam ao longo dos mais distintos percursos. Sinto-me, independente do que me move para dizer estas palavras, como uma filha de volta à Casa. Não nasci em Penedo, mas foi esta cidade o berço de minhas grandes descobertas para o mundo das letras, guiada pelas mãos de uma mãe professora e de um pai funcionário do IBGE. Entre o Gabinete Besouro e o Colégio Imaculada Conceição, meu mundo foi sendo tecido em fios de filigranas de sentidos na vida pessoal e profissional, cujos efeitos caleidoscópicos parecem fazer desfilar em minha mente capítulos de uma história que me fizeram receber o honroso convite pra lhes dirigir, hoje, algumas palavras.

Revolvo em minha memória trajetos inesquecíveis de uma família de 11 irmãos, cuja geografia física e do afeto não fez fronteira entre a serrana cidade de Água Branca, no sertão alagoano, e a cidade de Penedo, a nossa Princesa do São Francisco. Assim, as 6 (seis) filhas sertanejas receberam de braços abertos os 5 (cinco) irmãos penedenses, que viriam a completar nossa "pequena família".

Deixo as lembranças no coração, não sem afirmar que

"diante das lembranças, como o mundo é pequeno!" Retorno a este momento solene, bem mais pela importância do que pela solenidade em si, para fazer algumas considerações sobre o saber, sobre o conhecimento, e que vejo como pertinentes a esta ocasião. O saber deve servir, como o fez desde o início da história da humanidade, para transmitir sabores: sabores das ideias, das palavras, dos cantos, e dos costumes. E é ainda em referência a essa transmissão do saber que faço alusão à sabedoria oral africana, que via no desaparecimento de alguém uma biblioteca que também desaparecia. Isso acontecia – e acontece ainda em algumas culturas mais distantes da modernidade – porque tudo era transmitido através das narrativas "parentais", quando as novas gerações recebiam de seus ancestrais a transmissão do conhecimento de novas ciências, de novos costumes, de formas de vida.

André Brincourt, jornalista e escritor francês, afirmou que "as palavras são o que permanece quando a história passa" ("Les mots sont ce qui reste quand l'histoire est passée"). E isso é possível, ainda hoje, graças aos livros, que se revestem de formas diversas, mas permanecem como "baús" de ideias, de histórias de vida, de histórias de um povo. Nesse ponto, são as bibliotecas, a exemplo desta Biblioteca tratada com tanto esmero e tanta dedicação, que contribuem, significativamente, para que as sociedades possam atravessar tempos e espaços diferentes, com o devido respeito à história de seu povo. Assim deveria ser.

E é a nossa história que as palavras reunidas nos livros vão tecendo, ao longo de nossas vidas, dando vestimenta aos nossos pensamentos e sentimentos, que não devem ser dicotômicos; pelo contrário, pensamento e sentimento devem fundir-se para que as palavras possam realmente "engravidar" dos sentidos com os quais as enunciamos. Acredito, mesmo, que cindir, radicalmente, pensamentos e sentimentos pode até obter efeitos de sentido desejáveis para quem os produz e/ou os aprende. Fazê-lo, porém, é provocar um esvaziamento abissal na crença que coloca pensamento e linguagem em uma relação intrínseca, atravessada pelos sentimentos, nesse espaço entre o dizer e o sentir,

que faz do ser falante um ser verdadeiramente humano – é nisso que acreditamos, é isso que defendemos e pretendemos fazer.

Por ocasião da Expo' 98, em Portugal, o Instituto Camões prestou uma homenagem a vários escritores de língua portuguesa, representados por autores africanos, brasileiros e portugueses, afirmando que esses autores promoviam um olhar amplo na interculturalidade lusófona. Considerando a multiplicidade da língua portuguesa, expressa nas formas mais variadas, como se fosse uma viagem por "um verdadeiro oceano de culturas", o Instituto Camões procurou mostrar que aquela proposta correspondia a "uma ponte que se constrói, uma ponte que une as margens distintas das identidades culturais de cada um dos países de Língua Oficial Portuguesa, uma ponte que pretendemos inscrever no nosso imaginário coletivo, num encontro cultural único, que amplie o nosso olhar sobre os outros e sobre nós próprios".

E o livro físico, este que guarda nossa história, nossa memória, ainda que a era virtual transforme o folhear das páginas em clicks, este livro continua exercendo o seu fascínio. De uma forma ou de outra, ambos reservam aos leitores os sentidos mais diversos, reservando horizontes que só a leitura poderá vir a mostrar. Há sentidos que foram ditos com um objetivo, mas cuja apreensão pode estabelecer um efeito diferente. E nisso reside o encanto das obras que habitam este e outros espaços da palavra e dos sentidos. E é isso que hoje a Casa do Penedo, ao reabrir orgulhosamente suas portas, reconhece o valor que esta biblioteca representa para nossa comunidade.

A escritora francesa Colette (1873 -1954) dizia que era dominada por um espírito "gourmet" na busca da melhor palavra. Para ela, as palavras viviam semiadormecidas, sempre à espera de quem lhes desse sentido. Essa é uma imagem interessante e instigante, que dá a dimensão da travessia de sentidos entre a palavra dicionarizada e a palavra em um determinado contexto. Nisso reside, ao mesmo tempo, o encanto e o mistério de uma obra. Os sentidos postos em uma obra por cada autor, cada autora, e todos nós sabemos disso, até mesmo os sentidos de uma fa-

la como esta nossa, o que pretendemos com aquilo que produzimos, na oralidade ou na escrita (que queremos ou pensamos produzir, eu diria) podem não ter os efeitos "esperados"... Mas quando o "inesperado" acontece, que saibamos todos apreendê-lo para refazer nossos percursos. Esse é um dos aspectos mais enriquecedores de uma língua, esta entidade objetiva, de um lado, como disse Jean-Claude Milner em *O Amor Pela Língua*, obra do final dos anos setenta; e, do outro lado, esta língua na qual o falante inscreve seu desejo, seu inconsciente, sua subjetividade. E tudo isso não cabe nas páginas de um livro, pois o que eles registram é apenas a partida de uma obra, daquilo que se pretende dizer. Entretanto, nada garante que as palavras cheguem ao leitor em sintonia com os sentidos que o autor pretendeu. Às vezes, somos surpreendidos com a releitura de uma determinada obra, chegando mesmo a traçar outros percursos de interpretação, como se estivéssemos descobrindo uma outra obra, uma autoria que já não reconhecemos mais. Ou talvez nós é que já não sejamos os mesmos...

Há uns versos de Jorge de Lima, em *Invenção de Orfeu*, no Canto 1º, 2ª Estrofe – V, nos quais podemos ver a incompletude da vida, dos sentidos:

*Chegados nunca chegamos
eu e a ilha movediça
Móvel terra, céu incerto,
Mundo jamais descoberto.*

Eu diria que estes livros que aguardam seus leitores são como a "ilha movediça" da qual fala Jorge de Lima, pois revelam algo que está por vir, dependendo de quem vai percorrer a página com os olhos e tentar traduzir o pensamento ali impresso. Aliás, a prensa móvel de Gutenberg, inventor e gráfico alemão, ainda no século XV, bem pode nos dar a dimensão de que as palavras "espremidas" no interior dos livros podem transpor barreiras de sentidos. E nisso a literatura, através dos gêneros mais distintos, a poesia, o romance, o ensaio, faz falar, como dizia Santo Agostinho, todas as vozes misteriosas do universo.

Todo leitor, toda leitora também é, de certa forma, um autor, uma autora, pois os sentidos apreendidos por ocasião da leitura dão continui-

dade a uma obra, podem mesmo vir a constituir uma nova obra – não é impossível esse caminho. Dos ecos podem vir um encontro, ou um contraponto.

Concluo, dizendo em simbiose de sentimento e pensamento, o que me proponho sempre a fazer: não ornamentemos em excesso as palavras! Tenhamos, sim, cuidado com nossas escolhas lexicais, cuidemos de nossa sintaxe, para que nossas palavras possam provocar bons ecos. Mas, sobretudo, busquemos a espontaneidade ao nos expressarmos, sempre com respeito por quem nos ouve, considerando o que disse o criador dos ensaios, Michel de Montaigne, nos idos do século XVI: a palavra é metade de quem fala e metade de quem a escuta.

Éis aí o grande responsável de quem abre as portas desta Biblioteca e de quem vai percorrer as páginas das muitas obras onde as palavras semiadormecidas, como disse há pouco, citando Colette, esperam por seus leitores, suas leitoras.

Registro, ainda, que é desta Biblioteca uma obra singular, que pretendemos ter na Coleção Nordestina, um projeto de mais de 15 anos da Editora da Ufal, e da qual sou Diretora há quase 3 anos. Tenho em mãos o livro *O Baixo S. Francisco – O Rio e o Vale*, de Moreno Brandão, nascido em Pão de Açúcar, mas de grande ligação com nossa Penedo. Reconhecendo a importância de oferecer, nos tempos atuais, uma obra quase atemporal, que a Edufal pensa em lançá-la como parte desta coleção, em Setembro deste ano, na Bienal do Rio de Janeiro. Esse já é um reflexo da grande contribuição desta Biblioteca, o que eu agradeço em nome da Edufal, da Ufal, enfim, de todos nós que poderemos vir a ter esta obra reeditada.

Por fim, quero expressar, do mais fundo de meu coração, minha gratidão por este momento de honra que me foi concedido para viver a reabertura da Biblioteca da Casa do Penedo! E a ele, soma-se uma indescritível felicidade que toma conta de mim, ao partilhar com vocês do encanto que sinto diante da palavra, um encanto que Penedo fez nascer em mim, e do qual eu tenho buscado cuidar ao longo de minha vida.

* É professora e diretora da Edufal (pronunciamento realizado quando da reabertura da biblioteca da Casa do Penedo).